

## Emprego amplia classe média

(Não Assinado)

PAÍS COM NOVA CARA (6/8/2008)

Dois estudos divulgados ontem, pela FGV e o Ipea, apontam para a redução da pobreza no País

Rio. A classe média já representa mais da metade da população nas seis principais regiões metropolitanas do País. Com renda maior e comprando mais, as famílias que agora ocupam esta faixa foram as grandes beneficiadas pela estabilidade macroeconômica e pelo aumento do emprego com carteira assinada.

É o que revela o levantamento 'A Nova Classe Média', divulgado ontem pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Segundo a pesquisa, hoje há maior probabilidade de ascensão da classe média às camadas mais altas do que há seis anos.

Desde 2002, a participação da classe média na população economicamente ativa aumentou de 44,19% para 51,89% nas seis regiões metropolitanas (Recife, Salvador, Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre), que formam a base da Pesquisa Mensal de Emprego (PME), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

No levantamento da FGV, a classe C é classificada como classe média, com renda mensal domiciliar entre R\$ 1.064 e R\$ 4.591.

O economista Marcelo Nery, um dos coordenadores da pesquisa, usou dados da PME para traçar um retrato da atual classe média e sua evolução nos últimos seis anos.

Ele aponta como um dos principais fatores que contribuíram para inflar esta faixa de renda a expansão nos empregos com carteira assinada.

### Símbolo

'A carteira assinada é o grande símbolo da classe média', sentencia. O fenômeno é dissociado dos efeitos de programas assistenciais, como o Bolsa Família, por exemplo. 'Na verdade, a nova classe média é aquele segmento do meio, que cresceu muito nos últimos anos: o grupo emergente que cresceu a partir do próprio trabalho', afirmou.

### Menos miséria

Esse aumento no número de pessoas empregadas pode ter influenciado uma redução nos índices de pobreza e de miséria, nos últimos seis anos, também revelado pela pesquisa.

'Na verdade, o levantamento apresentou um cenário positivo também no combate à desigualdade', afirmou o economista da FGV. Os dados da análise mostraram o desenvolvimento do Índice de Gini, que mede o grau de desigualdade existente na distribuição de indivíduos segundo a renda domiciliar per capita.

O valor do índice varia de 0 a 1, sendo que 0 significa que não há desigualdade e 1 representa um cenário onde a desigualdade é máxima, ou seja, apenas um pequeno grupo detém toda a renda da sociedade. De abril de 2002 para abril deste ano, o Índice de Gini passou de 0,62 para 0,58.

O economista comentou que a participação das famílias na faixa da miséria, com renda próxima de zero, no total da população pesquisada caiu de 34,93% para 25,16%, nos últimos seis anos.

### Indicadores melhoram

'Estamos com uma boa safra de indicadores sociais, nunca antes vista'. Nery comentou que um dos pontos fracos apontados pelo levantamento foi a ausência de mão-de-obra qualificada para cargos com maiores salários. 'Antes tínhamos uma crise de desemprego; hoje temos um apagão de mão-de-obra', disse o especialista. A pesquisa revelou ainda que a renda média domiciliar total da população pesquisada para o levantamento saltou de R\$ 1.784,08 para R\$ 1.956,90 de abril de 2002 para abril deste ano - um aumento de 9,6%.

## Classes A e B mais ricas

Nos últimos seis anos, a participação das classes A e B (famílias com renda superior a R\$ 4.591 mensais) também aumentou nas seis regiões metropolitanas passando de 11,61% para 15,52%.

Já a participação das famílias de classe mais baixa, que ganham menos de R\$ 1.064 por mês, caiu de 46,13% para 32,59% da população.

## A OPINIÃO DO ESPECIALISTA

Bolo está crescendo

### MARCELO NERY

Economista e um dos coordenadores da pesquisa 'A Nova Classe Média' da Fundação Getulio Vargas

Em termos mais gerais, os dados do levantamento apontam continuidade da queda da miséria e a expansão da chamada classe média observada depois do fim da recessão de 2003. O ritmo de redução da desigualdade, observado desde 2001, não dá sinais de arrefecimento, sendo comparável em magnitude absoluta a da famosa concentração de renda ocorrida nos anos 60, época do milagre econômico brasileiro. Já o crescimento da renda média mantém o ritmo dos anos anteriores, resultado do período anterior, apesar da desaceleração observada em países desenvolvidos, e nos EUA em particular. Em suma, o bolo continua crescendo com mais fermento nas classes mais pobres, atingindo a mais de cinco anos, combinação inédita na história estatisticamente documentada brasileira.